



EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO EDUCATIVO¹

Ana Carolina FRANCO²
José Anderson Santos CRUZ³
Maria da Graça Mello MAGNONI⁴

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC – Bauru, SP

Resumo

Parece inquestionável o fato de que estamos vivendo numa era tecnológica capaz de provocar as mais variadas interpretações e reações entre os estudiosos preocupados com essa questão. Quando se pensa nas novas tecnologias e sua aplicação na Educação, a amplitude dessa problemática ganha contornos altamente antagônicos e desafiadores. Neste artigo pretendemos abordar e discutir a educomunicação passando pelas interpretações de alguns teóricos que abordam a temática da tecnologia e da educação na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Tecnologia; Educação; Comunicação; Mediações Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O mundo assiste a uma transformação rápida decorrente dos avanços tecnológicos e das alterações ocasionadas nas estruturas econômicas, políticas e sociais implantadas, principalmente, nos países desenvolvidos. O impacto de tais mudanças têm afetado profundamente os diversos campos do conhecimento, ocasionando o surgimento de novos paradigmas e desafios. Não seria exagero identificar a área da comunicação como um dos segmentos mais atingidos pela nova configuração mundial. A partir da metodologia descritiva, buscou-se pesquisar uma bibliografia pertinente ao assunto, sendo assim, a compilação, a interpretação e a análise dessas informações contribuíram na elaboração deste *paper*.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em TV Digital: Informação e Conhecimento pela UNESP, Bauru/SP, Especialista em Psicopedagogia pela Anhanguera educacional, Licenciada em Pedagogia pela UNESP, Bauru/ SP e Professora Alfabetizadora da Rede Pública Estadual e Municipal.

³ Mestrando do Programa de Pós-graduação em TV Digital: Informação e Conhecimento - Área de concentração 1: Comunicação, Informação e Educação em Televisão Digital - Linha de pesquisa 2 - Educação Assistida por Televisão Digital - pela FAAC/Unesp, Bauru/SP. Especializando em Antropologia/ USC. Consultor, administrador de marketing e comunicação. Palestrante, pesquisador acadêmico. Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior, Gestão Estratégica de Negócios e Graduado em Tecnologia em Marketing pela Anhanguera Educacional Bauru/SP. *E-mail:* andersoncruz@andersoncruz.com.br

⁴ Orientadora e Doutora em Educação pela UNESP/Marília. Docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da UNESP e do Programa de Pós-Graduação em TV Digital da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, ambas em Bauru. Diretoria Executiva Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Bauru. *E-mail:* sofia@fc.unesp.br.



Manuel Castells (1999, p.53), uns dos autores mais lembrados quando o tema se relaciona com as novas tecnologias, parte do princípio de que nas últimas décadas, a denominada Revolução da Tecnologia de Informação, decorreu da conjugação de três fatores: a microeletrônica, os computadores e as telecomunicações. Sabe-se da importância exercida pela válvula eletrônica na automatização moderna da comunicação ao permitir a multiplicação do sinal obtido por delicados sensores e, conseqüentemente, a circulação da informação captada.

Entretanto, a substituição das válvulas por transistores, a miniaturização dos componentes, o desenvolvimento das tecnologias de silício e a utilização em massa dos *microchips*, cada vez menores e mais complexos, trouxeram uma drástica redução de tamanho e de custos, além de um radical aumento da velocidade de cálculo e da confiabilidade de funcionamento dos aparelhos eletrônicos. Desta maneira, a capacidade de processar informação poderia ser instalada em todos os lugares, facilitada pela ampliação e extensão das transformações tecnológicas que cobriam praticamente todo o planeta. O computador seria o símbolo dessas transformações.

As telecomunicações foram revolucionadas pela combinação das tecnologias de computação e as novas possibilidades emergentes na área da difusão de dados. Avanços importantes em optoeletrônica e a tecnologia de transmissão por pacotes digitais promoveram um aumento surpreendente da capacidade das linhas de transmissão. A título de exemplo, Castells lembra que na década de 90 a substituição da Rede de Banda Larga Integrada da década de 70, permitiu aumentar em um quatrilhão de *bits* a capacidade de transmitir informações.

O século XX, portanto, foi cenário de uma verdadeira revolução no âmbito das comunicações propiciando, sem dúvida, relações mais estreitas e um maior conhecimento entre os diversos povos. Para Castells (1999), as inovações decorrentes da introdução das tecnologias da informação ultrapassam o simples uso de alguns equipamentos, símbolos do progresso e da identificação com o desenvolvimento que aos poucos toma conta da maioria dos países. Moran (2007) afirma que devido às novas possibilidades de convergência e integração dessas tecnologias na educação, há uma necessidade de incorporar novas mídias no processo de ensino-aprendizagem. Na era digital, a informação produzida e divulgada instantaneamente, apresenta possibilidades e desafios à Educação, tanto à Educação formal quanto à Educação informal, envolvendo conteúdos teóricos e ações práticas, voltados à estruturação e a socialização do conhecimento.



Os envolvidos no processo educativo não podem isentar-se da responsabilidade de gerar e propiciar a análise e o debate dessas questões. Os envolvidos no processo educativo não podem isentar-se da responsabilidade de gerar e propiciar a análise e o debate dessas questões, aliás, nos parece bastante claro que a educação e a comunicação são duas áreas que não podem ficar separadas, notadamente se pensarmos que a sociedade técnica, científica e informacional, atinge a todos, na condição de inseridos ou excluídos, beneficiados ou desprivilegiados e chegam à Escola, desafiando o sistema educacional, as redes públicas e privadas.

Tomando como referência o ato educativo como ato essencialmente comunicativo e as características tecnológicas e científicas que permeiam os meios de comunicação e incidem nas práticas sociais cotidianas, consideramos de fundamental importância, introduzir modernizações tecnológicas acompanhadas e antecipadas pelos debates e ações práticas que permitam o repensar o modelo de comunicação predominantes e necessário, para que a escola possa se comunicar com a sociedade, com a comunidade e esta, com a Escola.

OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

O atual estágio tecnológico resultou em novas configurações em toda a sociedade, provocadas pela realidade convergente e midiática. No entanto, a Educação voltada à formação dessa sociedade não explora as potencialidade dos recursos para estabelecer e facilitar a comunicação entre os alunos, entre esses e os professores, entre a escola e a comunidade, ente os conteúdos escolares e os conteúdos “da vida”.

A tecnologia da informação modificou uma ordem, criando na realidade *hiperlinks* com o virtual como podemos ver novamente em Castells (1999, p77):

- a) As novas tecnologias agem sobre a informação e não apenas sobre a matéria prima, portanto, a informação é a matéria prima e produto final das novas tecnologias.
- b) A informação é parte integrante de todas as atividades humanas e essas tecnologias moldam os processos da nossa existência individual e coletiva.
- c) As tecnologias de informação promovem uma lógica de rede, pois nos permitem lidar com a complexidade e a incerteza. A tecnologia atualmente existente admite que a topologia de rede possa ser implementada em todos os



tipos de processos e organizações. Sem elas, tal implementação seria bastante complicada.

- d) A flexibilidade prevalece dentro dessas novas tecnologias. As organizações e as instituições podem ser reconfiguradas e modificadas, física e funcionalmente, ao utilizarem os componentes das tecnologias da informação porque as bases materiais das organizações podem ser reaparelhadas e reconfiguradas.
- e) As tecnologias específicas tendem a convergir para sistemas altamente integrados. A microeletrônica, as telecomunicações, a optoeletrônica e os computadores são todos integrados nos sistemas de informação transformando-se na sua base de operacionalização.

Tais componentes, prosseguindo com o raciocínio de Castells (1999, p.403), diferenciam a atual revolução tecnológica das anteriores denominadas de burguesas. A interação da informação no âmbito mundial ocasiona o que Castells denomina de espaço dos fluxos, ou seja, o espaço integrado das redes globais (públicas e privadas) formando o *ciberespaço*. Nessa visão, as relações sociais e o surgimento de novas formas de relacionamento social caminhariam para uma padronização na medida em que as respostas exigidas seriam as mesmas tanto para um determinado lugar ou país, como para outro. As redes adquirem, na concepção de Castells, um papel importante na formulação social. É bom lembrar que tanto podem ser utilizadas pelas companhias multinacionais como pelas redes criminosas de tráfico. Apenas para tentar chegar a uma conceituação das novas relações entre a sociedade e o poder, introduzimos uma pequena passagem da sua obra na qual essa questão é colocada:

O poder, não se encontra apenas nas instituições (o estado), nas organizações (empresas capitalistas) ou os controladores simbólicos (empresas midiáticas ou igrejas). Está diluído em redes globais de riqueza, poder, informação e imagens, que circulam e se alteram num sistema de geometria variável e geográfica desmaterializada. Mas não desaparece. O poder segue comandando a sociedade. Ainda nos dá forma e nos domina... o novo poder reside nos códigos de informação e **nas imagens de representação** em torno dos quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas e decidem sua conduta. **A sede deste poder é a mente das pessoas.** (CASTELLS, 1999, p. 95).

O que permitem as novas tecnologias nada mais é do que uma ampliação de acesso às informações, ao conteúdo, teoricamente sem limites, mas ele é apreendido



pelo intelecto do ser humano. Talvez, essa seja a importância da última frase do trecho extraído da obra de Castells: a sede de poder é a mente das pessoas, pessoas essas expostas a um amplo universo de informações disponível para todos aqueles que tenham acesso à Internet ou a qualquer outro meio comunicacional. Entretanto, as colocações de Castells não são unânimes, razão pela qual se torna necessário abrir as páginas seguintes a outros autores que enfocam a questão das novas tecnologias de maneira diferenciada à visão de Castells.

Essa revolução tecnológica, tal como foi descrita e interpretada por Castells, não conseguiu redimir na área da comunicação, o velho debate entre a comunicação e informação sem se falar, em termos das sociedades, nas crescentes desigualdades sociais e econômicas vivenciadas pelos países dos hemisférios Norte e Sul. Contrariamente ao esperado, as facilidades advindas das novas tecnologias estão criando monopólios e oligopólios na área da comunicação de tal forma que já se chegou a aventar a possibilidade de estarmos num novo fascismo de mercado dominado, apenas, por grandes empresas especializadas em produzir e fornecer notícias aos meios de comunicação. Marc Ferro (1998, p. 230), de maneira bastante contundente, alerta para os perigos provenientes do que denomina de mundialização da informação, notadamente a uniformização da informação em âmbito mundial e a redução e a banalização dos conhecimentos que as pessoas poderiam adquirir com o uso da tecnologia.

Moran (2007) apresenta a possibilidade da era digital ser uma mediadora, uma extensão das novas formas de educação. O processo de ensino-aprendizagem toma novos rumos e as mudanças são em tempo real. No entanto, o perigo maior, de acordo com Marc Ferro, reside na forma como são escolhidas e divulgadas as informações para a sociedade. Na melhor das hipóteses, os meios de comunicação permanecem prisioneiros da lógica do poder institucionalizado. As preocupações de Marc Ferro também têm eco na obra de Baudrillard (1978;1993). Este pensador coloca em dúvida um dos pilares otimistas da sustentação da nova sociedade tecnológica descrito como a universalização da informação. Teoricamente, nunca a informação esteve tão acessível à população o que implicaria na possibilidade de atingir uma auto formação capaz de aumentar a democratização do saber.

Mais informação levaria, necessariamente a um acréscimo de conhecimento. Em contrapartida, contra esse otimismo, Baudrillard sustenta que o acréscimo de informação, como o proveniente da Revolução de Informação, não só não ocasiona o



aumento do desconhecimento como induz a seu decréscimo. Alerta para as diferenças entre a informação e a formação. Não resta dúvida nenhuma de que as novas tecnologias teriam ocasionado à propagação da informação. Entretanto a massificação das informações gerou uma perda do seu significado, do seu sentido propiciado pela reflexão e pela crítica.

Ainda de acordo com esse autor, e procurando desmistificar as novidades dos tempos atuais, estaríamos criando o mito da informação, mito que, na sua perspectiva, seria o Alfa e o Omega de nossa sociedade, pois almeja na sua última finalidade aniquilar a memória construindo um admirável mundo novo, onde o passado deveria ser apagado por ser considerado momento de atraso e de caos. Ocupando seu lugar, a nova sociedade proveniente da implantação das novas tecnologias nos apresenta os deuses do momento, todos eles colocados dentro do computador. Desta maneira estaríamos matando o saber histórico, carregado de experiências e situações enriquecedoras do conhecimento humano, mas claro, assentadas em algo que não é necessariamente o computador.

Desta forma acreditamos junto com Baudrillard que a tão decantada sociedade da informação passível de ser encontrada em alguns países ricos, não é uma sociedade informada na medida em que seus cidadãos não dispõem da instrumentalização necessária para agir inteligentemente no seu entorno. A sociedade da informação está se transformando na sociedade informatizada, vigiada, composta de cidadãos eletronicamente controlados, analisados e transformados, apenas, em potenciais consumidores.

Nesse sentido vemos a necessidade dessas informações serem pensadas, refletidas de forma contextualizada, pois o uso generalizado da informação sem discussão e reflexão não permite que a mesma gere conhecimento. Moran (2007) afirma isso quando diz que a qualidade da informação está diretamente relacionada com o uso que se faz dela. Se o uso da informação é mais importante que a mesma propriamente dita, reforça-se os pilares propostos por Delors (2005): aprender a ser, aprender a fazer e aprender a viver. Informação é poder, o que acaba justificando os embates e a corrida desenfreada para implantar as tecnologias de informação. Talvez seja por isto que os meios de comunicação e suas tecnologias não tenham contribuído para diminuir as diferenças sociais.

Para transmitir todas as descobertas e a sua história, o ser humano criou a Anacolinaeducação, a escola, que se incumbiria de transmitir de geração para geração



os avanços da humanidade. Portanto a educação e a comunicação apesar de historicamente caminharem juntas, permaneceram, aparentemente “distantes”. Apesar desse aparente desconhecimento, já faz algumas décadas, teóricos procuram discutir uma possível relação entre a tecnologia e educação.

EDUCOMUNICAÇÃO: a convergência a favor do conhecimento

Com a implementação de Vídeo conferências, com a Educação a distância e os Cursos de Formação Continuada, surge um novo conceito de educação e comunicação: a Educomunicação, que discutida mundialmente, está diretamente relacionada a cidadania e a uma visão mais crítica de educação e de comunicar-se. Decorrente dessa vertente desponta o educador, cujo grande objetivo é formar alunos mais críticos, criar um “ecossistema comunicativo” na instituição escolar. Fica claro, portanto, a necessidade de educar para a comunicação nessa sociedade midiática e cercada de tecnologias, envolvendo todas as instâncias da sociedade torna-se possível uma sociedade mais justa e humana, como sustenta Truffi E Franco (1990, p. 16 e 17):

Educar para a comunicação é um processo que precisa ser adaptado a cada etapa do crescimento fisiológico, cultural, e de acordo com cada grupo social. É um projeto que envolve a escola e todas as instâncias sociais que se preocupam em tornar a sociedade mais justa e mais humana. É uma parte significativa de um processo educativo maior, que é o de tornar os cidadãos esclarecidos, de olhos abertos para uma sociedade melhor, que se procura relacionar e interagir de forma mais consciente e com expressões mais participativas.

Esse profissional, portanto, deve envolver todas as instâncias de ensino formal (escola) e não formal (Ongs, instituições diversas) em questionamentos sobre a relação educação e os instrumentos de mediação comunicacionais, como a televisão, internet, rádio, etc. A sala de aula pode ser o primeiro ambiente a preparar o aluno para se tornar cidadão consciente e envolvido com as problemáticas da atual sociedade informatizada. Nesse ponto concordamos com POSSARI, quando afirma de maneira bastante categórica:

A sala de aula deve assumir-se como o *locus* onde se dão as linguagens dos *media*, com suas múltiplas tessituras plurissígnicas, onde os conceitos de ensino-aprendizagem devam deixar o enciclopedismo (2001, p. 95).

Enfim, a escola deve superar uma visão autoritária, que se sobrepõe as demais instâncias da sociedade. Na atual conjuntura, a escola deixa de ser “dona” do saber e deve assumir-se mediadora no processo de construção de conhecimentos. O professor



deixa de possuir informações para a transmissão no processo ensino-aprendizagem, porque através das mídias (medias) os alunos recebem constantemente diversas informações e saberes, antes restrito ao âmbito escolar, Magnoni e Mello (2012, p.97) “Não é mais possível ignorar que os meios audiovisuais de comunicação se transformaram desde a disseminação dos meios eletrônicos ainda na década de 1920, em instituições”. E com isso, se considera inadiável a relevância da educação, seja em todos os níveis incorporarem esses acervos dos meios impressos, do cinema, do rádio e o disco, da tevê, do vídeo como mediadores no processo ensino-aprendizagem. Porém, essas informações se tornam conhecimento, devem ser decodificadas, questionadas, analisadas, para que mediadas pelo educador se tornem conhecimento historicamente adquirido.

Tendo como objetivo principal formar cidadãos esclarecidos que visem uma sociedade melhor, a educação para a comunicação defende uma comunicação democrática, que atinja todas as classes sociais. Afinal, as tecnologias de informação e comunicação apresentam-se como um recurso valioso à formação do cidadão. Historicamente houve uma grande mudança na forma de comunicar-se do ser humano, atualmente as mensagens estão mais carregadas e podem ser transmitidas de diferentes formas e maneiras, porém juntamente com a forma, o conceito de comunicação está em constante mudança. A educação para a comunicação e conseqüentemente, a educomunicação, que possui como maior referência teórica nacional o professor do Núcleo de Educação e Comunicação da USP, Ismar de Oliveira Soares, surge como opção para esclarecer as crianças, os jovens, tornando-os sujeitos da sua história, maiores “protagonistas” dessas mudanças.

Essa prática comunicativa-cidadã foi e é vivenciada através de diversas experiências em todo país e só se tornou possível a partir da ação solidária dos centros de comunicação e documentação popular, que durante as ditaduras militares latino-americanas possibilitaram a emergência da chamada comunicação alternativa. Ao longo dos anos 80 e 90, a filosofia que apoiou a luta por uma comunicação democrática e participativa passou a dar, também, sustentação à ação de inúmeros grupos inseridos na prática social, entre os quais as Organizações não Governamentais (ONGs).

É fundamental que na prática essas experiências se entendam além da educação formal, pois em toda a América latina questiona-se como envolver a criança e o adolescente nessas discussões teóricas e torná-las leitoras das mídias e de suas mensagens. Como salienta Truffi e Franco,



Compreender melhor os Meios de Comunicação e os processos de comunicação torna-se indispensável para se passar de uma consciência ingênua, que não questiona os Meios, para uma consciência crítica, que supere os preconceitos existentes e capte a complexidade de dimensões envolvidas (1990, p. 13).

Pensando na complexidade das dimensões envolvidas, na Venezuela, o Estatuto da Criança e do Adolescente possui artigos que garantem o direito da criança e do jovem a uma educação para a recepção crítica dos meios de comunicação. Pois imersos em uma sociedade midiática, cercada de imagens, as crianças são afetadas diariamente em sua personalidade, na construção de uma identidade cultural e uma linguagem própria. Afinal, grande parte da aprendizagem das crianças ocorre fora da sala de aula, devido à linguagem dos meios que são dotados de excepcionais poderes de expressão.

As crianças chegam às escolas alfabetizadas audiovisualmente. Esse repertório que elas trazem para a instituição é resultado de uma comunicação generalizada e de uma sociedade de meios. No entanto, para que haja concretamente uma relação eficaz entre educação e comunicação é necessário que ocorram profundas transformações no ensino formal, aproximando do mesmo a sociedade em movimento. Pois até então a escola ou ignorou a influência dos meios ou introduziu as mídias para atingir objetivos pedagógicos. Na educomunicação há uma aproximação da escola com a comunicação, a partir de uma perspectiva crítica e cidadã.

Essa relação - aproximação auxilia a superar o paradigma da transmissão de conhecimentos. Afinal, o aluno recebe informações e unindo a reflexão dessas informações com o repertório individual ele constrói o conhecimento. Esse conhecimento é único e intransferível. A aprendizagem do saber histórico acumulado é social, e os meios atingem todos, ou praticamente todos os segmentos sociais até então alijados do poder de transmissão e gestão da mídia. Pois o vídeo envolve o telespectador, provoca sensações reais. Sobre esse sentimento despertador;

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele, nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos (MORAN, 1995, p.27).

Enfim, não podemos ignorar as mídias, acusá-las de massificar, de alienar e ignorarmos que elas se duplicam nos lares e seus números são mais significativos do



que muitos eletrodomésticos, ditos necessários. Firma-se nessa realidade a Educomunicação como um campo de convergência entre a comunicação e a educação com todas as áreas das ciências humanas. Pretensiosamente denominado movimento social, a Educomunicação se expande enraizado nos princípios de democracia e cidadania e que as instâncias políticas devem estar a serviço da práxis, como alerta Truffi e Franco:

É fundamental que a Educação para a comunicação se articule com as instâncias políticas que estão realmente a serviço da transformação democrática (1990, p. 17).

Presenciamos essa questão nos artigos do professor Ismar de Oliveira Soares que considera como os objetivos da Educomunicação:

- promover o acesso democrático as informações e a toda produção cultural, através do uso criativo dos meios de comunicação,
- promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa.

O educador possui, portanto, dupla função teórica, trabalhando na convergência entre as ciências da educação e as ciências da comunicação. Esse profissional deve estar consciente que a educação esta além do prédio e dos conteúdos escolares. O educador deve estar convencido que a “emissão não é um ato ‘passivo’, mas mobiliza uma quantidade de ‘micro-saberes’ acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dar sentido” (OLIVEIRA SOARES).

A figura do educador se torna assim um novo referencial para a educação, pois o aluno pode ensinar o professor e vice-versa, os alunos podem ensinar uns aos outros, confrontando pontos de vista, soluções para problemas propostos em diálogo constante.

MEIOS E MEDIAÇÕES: A INFLUÊNCIA DOS MEIOS

Um tema que deve ser discutido com os educandos é sem dúvida a influência dos meios. A existência das tecnologias da informação modificou a realidade e possibilitou uma nova forma de conceber educação e comunicação, uma forma centrada na contemporaneidade, no presente, onde as pessoas se tornam escravas da mecanização, dos avanços da ciência e da informática, como sustenta Possari:



Equivale dizer que as tecnologias de comunicação e informação, por si só trazem novas formas de compreensão do mundo, porém, o verbo – expressão de realidade desde os primórdios da articulação vocal – também integra os processos de significação propostos. Essa agoridade inclui as interfaces de todas as linguagens. Agoridade pressupõe falar em tempo mas também em espaço. O avanço da tecnologia se configura em duas faces: de um lado aponta para o avanço irreversível de toda uma gama de ciência e tecnologia e põe-se como questão não fechada, de outro, pressupõe a reorganização constante e permanente da vida de todos em temporalidades menores (2001, p. 96).

De acordo com as temporalidades acima mencionadas é necessário que a educação crie um ecossistema educativo, que englobe, a tecnologia e as culturas heterogêneas, transformando a escola em um espaço de integração. Nessa realidade o professor deixa de ser transmissor para se tornar mediador, como vemos no trecho a seguir:

Transforma-se, dessa maneira a recepção como espaço de interação. Melhor dizendo ainda, o que se entendia por emissão-recepção se modifica: o emissor muda de papel. Não mais emite uma mensagem, no sentido funcionalista do termo. Todavia, constrói um sistema, ou seja, um conjunto, no qual são previstos encaixes, vias de circulação como sinais elementares de apontamentos e referências. (POSSARI, 2001, p. 97)

Portanto, o professor e o aluno interagem entre si e com os conteúdos; portanto o educando possui o privilégio de mudar a trajetória do que lhe é proposto. De acordo com SILVA (2000, p. 164), “o emissor é receptor em potencial e o receptor é emissor em potencial, os dois polos codificam e decodificam”.

Esse modelo de pedagogia interativa se mostra contrária a transmissão de conhecimentos de forma mecânica e pré-concebida, assume como característica principal as interações entre docentes e discentes. Sendo o homem um ser de expressões, precisa como suporte da linguagem sígnica. Relacionando educação e comunicação, adentramos o papel dos sinais e signos na mídia e no ambiente escolar. Refletindo essa questão, Possari alerta para o seguinte:

Depreende-se, dessa maneira, que seja qual for a forma de interação, ela sempre será feita/possibilitada por um processo de mediação simbólica. O signo/símbolo poderá ser verbal: oral ou escrito; não verbal: sonoro/musical; visual; estático, dinâmico, etc. Equivale dizer que ainda que se estabeleça a interação de diferentes formas, ela se constitui sempre num sucedâneo das formas antigas de comunicação (2001, p. 102).



Portanto esse novo campo de relações, fortalece a necessidade da sociedade repensar a sua comunicação e sua educação, que nada mais representa do que educar para a convivência social e para a cidadania. E repensar a comunicação implica repensar a televisão, o meio ou mídia que sem dúvida mais atinge a população em todas as suas controvérsias. Se devermos relacionar as tecnologias com a educação, devemos enfim, adentrar nas discussões sobre o potencial educativo da televisão, analisar e apresentar todas as suas distintas funções e como novas tecnologias e mediações pedagógicas.

Segundo Delors (2005) a década de 90 foi marcada por transformações na educação brasileira, onde começa-se a repensar a escola, o currículo, métodos e técnicas. Tal questionamento trouxe avanços significativos na política educacional. Percebendo-se então a necessidade de repensar a educação como chave para uma sociedade mais justa. Numa sociedade capitalista centrada no belo, e a mídia se utiliza dos *slogans* para induzir a informação e o consumo. Quando o telespectador está exposto a essas mídias, é importante que possuam repertório ideológico e consciência crítica para refletir o conteúdo oferecido.

Como fica claro pelo que foi exposto anteriormente, o vídeo, a linguagem audiovisual, deve adentrar o espaço escolar e deve ampliar suas funções. Nessa sociedade globalizada e dominada pelas imagens não é cabível a utilização do vídeo no ambiente de aprendizagem para “tapar buraco”, (por exemplo: aconteceu um problema com o educador, recorre-se ao vídeo). O vídeo não deve ser instrumento de enrolação, deslumbramento, ele é um importante recurso que auxilia o processo de educação através da sensibilização e da descoberta do novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo-se que comunicação midiática está em constante transformação e reproduzindo um universo simbólico em constante movimento, o presente artigo observou que apesar de não ser fácil lidar com os meios de comunicação na sala de aula, é fundamental utiliza-lo como recurso na construção do conhecimento. Deve-se portanto utilizar as tecnologias como um recurso poderoso na aquisição da informação e no processo de ensino-aprendizagem. Pois, nesta era digital, com a inserção de novas tecnologias no meio educacional, repensar nas questões pedagógicas do processo



ensino-aprendizagem e compreender a necessidade das mediações pedagógicas por novas tecnologias.

Na medida em que durante a evolução dessas tecnologias, sejam computadores, a transição da TV Analógica para a TV Digital, o uso de *ipads*, *iphones* entre outros meios de tecnologia de informação e comunicação, pesquisar, analisar, abordar, mostrar tais questões se torna pertinente para alcançar um olhar mais crítico no desenvolvimento do cidadão acerca da educação. Com isso, o impacto dessas transformações na educação, além dos produtos midiáticos, repensar na forma de ensinar-aprender é uma questão de necessidade. E, ainda, no transcorrer do trabalho, pode se observar que os meios não servem apenas para preencher o tempo na ausência do professor, mas ser mediadora no processo ensino-aprendizagem e na formação. Utilizar dos multimeios em sala de aula implica em realizar um planejamento pedagógico que contemple, de maneira ampla, os recursos que usam como entretenimento, unificando o conteúdo com o lúdico e assim, gerando conhecimento.

Muitos professores ainda não compreendem que a televisão depende muito do seu receptor, pois até o mais “alienador” dos programas, podem trazer conhecimentos, quando refletimos a banalização, o apelo sexual gratuito, o deboche sobre o diferente e os demais tipos de estereótipos que cerca os chamados programas de ‘Variedades’ da TV aberta nacional. Em tempos de televisão digital e mídias convergentes ainda é comum educadores serem resistentes aos meios e à tecnologia como provedor de informação. Acredita-se que diante das novas configurações atuais a função do educador deixa de ser de transmitir informações para àquele que instrumentaliza o educando para compreender e interpretar essas mensagens.

Para isso, a comunicação, a educação e a cultura deve promover um **diálogo**, no qual a interatividade, criatividade estão intrinsecamente ligadas entre si para promover uma educação sem imposição ou pré-conceitos. Logo, a partir de uma interpretação, elaboração de produtos culturais com a análise de recursos, formatos, linguagens e conteúdos voltados para os veículos pedagógicos. Desta forma o docente deve ser mediador de discussões pertinentes à temática, podendo através de um recurso poderoso como a televisão (que nos seduz unificando imagens, ritmos e sons) tornar possível a educomunicação, transformando a educação em um espaço democrático, onde se constrói o conhecimento com o auxílio das tecnologias, ampliando espaços de reflexão nessa sociedade dos meios.



Esse é o grande desafio e a grande contribuição que a educomunicação nos oferece. Nos tempos atuais, usar os recursos tecnológicos, dentro do contexto pedagógico, deve significar uma escolha consciente de ferramentas voltadas ao ensino e à aprendizagem que proporcionem ao educador instrumentalizar-se para a execução de um trabalho educativo consistente, atualizado e relevante para toda a sociedade. Essa é a importância do tema desenvolvido, e a partir deste *paper*, se pode mostrar a necessidade da continuidade da pesquisa e buscar mais informações, teóricos e incentivar os educadores a relevância da educomunicação, sendo assim, o incentivo de pesquisar a partir de novas tecnologias, novas mídias e mediações pedagógicas é uma recomendação para próximos artigos e profissionais da Comunicação e Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, J. À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CASTELLS, M. A era da informação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.

DELORS, Jacques (org). **A educação para o século XXI: questões e perspectivas.** Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 206 – 221.

FERRO, M. Médios y comprensión del mundo. IN: RAMONET, I. Pensamento crítico vs Pensamiento único. Madrid: Editorial Debate, 1998.

MAGNONI, Antônio Francisco. MAGNONI, Maria da Graça Mello. **A educação para os “meios e os fins”: a informação, o conhecimento e a comunicação na Educação Escolar Básica e universitária.** Ciência Geográfica – Bauru – XVI – Vol. XVI – (1): Janeiro/Dezembro, 2012, p. 94-101.

MORAN, J. M. A TV digital e a integração ds novas tecnologias na educação. TV Escola, SEED, 2007. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/md/index.htm>. Acesso em 13 Mai.2013.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. São Paulo: ECA-Ed Moderna: jan./abr. de 1995.

POSSARI, L. H. V. Comunicação e educação: novo conceito de espaço (tempo). Cadernos de educação, UNIC – CPG, V. 5, N° 1, 2001.

TRUFFI, Y. FRANCO, L. A. C. (coordenadores) Multimeios aplicados a educação: uma leitura crítica. São Paulo: FDE, 1990.